

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

JOEMI SALVIANO DE ALMEIDA
JOSEFINA CONCEIÇÃO DOS SANTOS
JUÇARA DE ASSIS LIMA
MARY ANNE FEITOSA BUSSOM
ZILNA PEREIRA DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA
INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO**

Brasília, 2005

JOEMI SALVIANO DE ALMEIDA
JOSEFINA CONCEIÇÃO DOS SANTOS
JUÇARA DE ASSIS LIMA
MARY ANNE FEITOSA BUSSOM
ZILNA PEREIRA DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA
INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
como parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia – Formação de Professores
para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental –
Professor Nota 10

Orientador: Antônio Cezar Nascimento de Brito

Brasília, 2005

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho àqueles que dedicam suas vidas à educação, apesar das dificuldades encontradas.

As nossas famílias que sempre nos apoiaram e nos incentivaram nos momentos mais difíceis.

Ao orientador Antônio Cezar Nascimento de Brito, pelo carinho e dedicação e a todos os colegas que através dos debates e experiências vividas, ajudaram-nos a crescer como pessoas e profissionais.

AGRADECIMENTO

Quão grande Senhor é o teu amor.

Quão maravilhosa é a Tua graça apenas Tu Senhor, foste presença tão viva, tão significativa em nossas vidas.

Neste momento gostaríamos de agradecer tudo que recebemos de Ti; o dom da vida, a sabedoria, o entendimento, os certos, as oportunidades de amar, de servir e de partilhar um pouco de nós.

Ah, Pai! Obrigado.

Abençoa - nos neste momento de sublime beleza e plenitude

Momento que Tu nos proporcionaste. Pedimos a Ti, Pai, que nos guie em nossa caminhada nos preencha de confiança confirmando a veracidade da Tua presença e nos impulsionando a realização do nosso ideal.

A Ti, Senhor, nossa eterna gratidão.

EPÍGRAFE

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

(BARTHES,1980: p.18)

RESUMO

“Era uma vez...” tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavras mágicas que o encanto acontece e nós, adultos e crianças, como que hipnotizados, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por meio deste trabalho, pretende-se mostrar que a literatura infantil é uma valiosa ferramenta na alfabetização, é um verdadeiro tesouro que abre as portas da imaginação, fantasia e emoção, fazendo com que o aprendizado seja um momento rico e prazeroso. Para conhecer, analisar e compreender como é trabalhada a leitura de literatura infantil em algumas escolas públicas do Distrito Federal, realizamos a pesquisa qualitativa, através da qual foram feitas atividades tais como, contação de histórias envolvendo diversas atividades. Na pesquisa quantitativa foi aplicado questionário com professores no intuito de observar como é trabalhada a literatura infantil dentro das salas de aula. Percebemos através deste trabalho que a mesma é muito importante na alfabetização, pois contribui no processo ensino aprendizagem. Enfim, quando aprendemos por intermédio da história, nunca nos esquecemos pois esse é um aprendizado que dura para sempre. É fundamental que a escola rompa com o tradicional e ofereça uma contínua estimulação da literatura infantil, possibilitando que a criança alcance seu próprio caminho tornando-se um leitor crítico, criativo e feliz.

Palavras-chave: Imaginação; Fantasia; Criatividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	10
2.2. CONTOS DE FADAS NA LITERATURA INFANTIL	12
2.3. LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO	14
2.4. COMO USAR A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA	17
2.4.1. Simples Narrativa	17
2.4.2. Gravuras	18
2.4.3. Flanelógrafo	18
2.4.4. Com interferência do narrador e dos ouvintes	18
2.4.5. Contador de histórias	19
2.4.6. Histórias em quadrinhos	20
3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	23
3.1. RELATÓRIO	23
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	26
4.1. INTRODUÇÃO	26
4.2. ANÁLISE DAS ATIVIDADES	31
4.2.1. Cantinho da leitura	31
4.2.2. Contação de histórias	31
4.2.3. Músicas e Brincadeiras	31
5. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	35
APÊNDICE A	36
APÊNDICE B	37
APÊNDICE C	38
APÊNDICE D	39
ANEXOS	41
ANEXO A	42
ANEXO B	43
ANEXO C	44
ANEXO D	45
ANEXO E	46

1. INTRODUÇÃO

Segundo Abramovich (1999, p.143), ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...

Ao ler uma história a criança aprende a observar, criticar, ela se torna um ser pensante, curioso, que sabe questionar e dar a sua opinião.

Ler histórias para crianças é um momento mágico que proporciona sentimentos de carinho, amizade, união e transporta a criança ao mundo de sonho e imaginação, momento que é um ato de amor e ficará sempre na sua memória.

Para Abramovich (1999, p.17), ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...

Contar histórias para as crianças é levá-las ao mundo imaginário das diferentes situações vividas nas mesmas. É ser participante das situações encontradas nos diversos contos e textos lidos pelos mesmos.

O educador deve possibilitar uma aproximação afetiva e significativa dos alunos com os livros, compartilhando, em sua rotina, momentos de leitura em que possa explorar os mais variados tipos de textos como, por exemplo: contos de fada, fábulas, poemas, histórias em quadrinhos, crônicas, propagandas, anúncio, lendas, histórias para rir e história para chorar, para se informar, usando os mais diferentes portadores de textos. Pois os educandos precisam vivenciar experiências para que, ao longo da vida, possam recorrer aos livros e à leitura como fonte de informação, como instrumento de aprendizagem e forma de lazer.

Sabendo que a melhor maneira de transformar os alunos em leitores e escritores é colocá-los em contato com materiais impressos dos mais diferentes tipos (livros, jornais, revistas, anúncios, cartazes, cartas, etc).

O presente trabalho é de suma importância, pois irá abordar a literatura infantil e sua pluralidade cultural contextualizando seus objetivos e finalidades.

A literatura infantil permite desenvolver a percepção da alteridade, levando os alunos a identificar e a respeitar as diferenças entre várias culturas explorando cursos de oralidade e escrita estimulando a expressão criativa.

É fundamental que nós, educadores, concretizemos este trabalho onde o leitor irá viajar no mundo mágico do faz de conta e despertar toda sua criatividade, imaginação, intuição e sensibilidade, extraindo e aplicando valores fundamentais em sua vida cultivando o diálogo, a solidariedade, a justiça e a ética contribuindo para formar a sua personalidade.

Portanto, o trabalho adjetivará através de pesquisas e leituras identificar que a literatura infantil desempenha um papel imprescindível na formação de nossos alunos, pois, estes serão além de leitores, seres que irão contextualizar suas idéias e criatividade no mundo real.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil deve manter uma relação mútua envolvendo os leitores numa atividade prazerosa contribuindo cada vez mais para o alcance de objetivos com êxito, nas atividades propostas.

Para Lajolo (1993, p. 66), na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundirem ataviados pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos versos, sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela. E os livros para crianças não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de literatura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmio dos melhores alunos.

Segundo Cunha (1999, p.22), a história da literatura tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Antes disso, a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura.

E que literatura era essa, a que tinha acesso a criança, antes da “instituição” da literatura infantil?

Temos de distinguir dois tipos de crianças, com acesso a uma leitura muito diferente. A criança da nobreza orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes privilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formaram uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Sobre o surgimento da literatura infantil, com ascensão da burguesia Zilberman (2003, p.15), comenta:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. A literatura infantil e escola inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão.

A infância não era vista e nem considerada importante no meio familiar. Nesse tempo, crianças e adultos conviviam no mesmo ambiente, mas não havia laços afetivos e era vista como improdutivo. Afastada do convívio social, sem estímulo para a leitura e também ingênua desligada de suas obrigações. A partir do momento que se passou a observar na criança as suas potencialidades, a infância começou a ser valorizada no seio familiar, havendo a necessidade de acompanhar e controlar seu desenvolvimento cognitivo e social.

Segundo Cunha (1999, p.23), no caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observaram-se duas tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas - até então quase nunca voltados especificamente para a criança.

No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Essa fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusoe, As viagens de Gulliver a terra desconhecida), Figueiredo Pimentel (Contos da carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales de Andrade (Saudade).

A história da literatura infantil brasileira inicia-se com Monteiro Lobato. Ele foi o primeiro a escrever para as crianças brasileiras histórias com qualidade literária. Suas obras abrem caminhos à imaginação de novas experiências vivenciadas pelo leitor.

Antes as nossas crianças só tinham acesso à literatura que vinha da Europa e era de difícil compreensão por ser clássica, tradicional, precisando ser traduzida ou adaptada para a nossa língua. Liam textos produzidos por pedagogos com finalidade didático pedagógico ou moralizante. Não eram textos literários.

Em 1921 com o livro “A Menina do Narizinho Arrebitado” Monteiro Lobato inaugura a literatura infantil brasileira.

Lobato explora o folclore e a imaginação aproveitando os personagens criados no Sítio do Pica – pau Amarelo. Foi ainda um grande adaptador dos contos de fada e das obras de Peter Pan e Pinóquio.

O escritor de Taubaté estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que sobretudo na última década, vêm criando uma respeitável obra endereçada à criança. Obras essas que evidenciam uma estreita ligação com a pedagogia, principalmente quando vemos a importância que assumem os educadores na criação de uma literatura para jovens e crianças.

Monteiro Lobato resgata os personagens do conto de fadas como Cinderela, Branca de Neve e outros que se juntam aos personagens fantásticos criados por ele como a traquina Emília, o guloso leitão Rabicó, o inteligente sabugo Visconde de Sabugosa o sábio e burro falante e o Quindim e o rinoceronte foragido do circo.

Depois de Lobato surgiu-se um longo período em que pouco ou quase nada foi acrescentado ao conjunto de produções literárias para crianças no Brasil. A partir da década de 70, no entanto começa a formar aqui um quadro bastante animador e que vem dar continuidade ao projeto literário iniciado por Monteiro Lobato.

2.2. CONTOS DE FADAS NA LITERATURA INFANTIL

Todos nós, em algum momento de nossas infâncias, já vivemos sob os encantos dos contos de fadas. Também já vimos nossos filhos ou alunos se deleitarem com eles.

É fundamental que a criança interaja no mundo das imagens e da fantasia, pois estará construindo subsídios para a construção do pensamento e da aquisição de conceitos imprescindíveis para o desenvolvimento de sua maturidade e posteriormente do processo de leitura e escrita. Bettelheim (1980, p.14), afirma:

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.

Segundo Amarilha (1997, p.19), pelo processo de viver temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra risco algum.

É nesse “palco” que diferentes histórias de vida, desejos e sentimentos exploram a capacidade dos leitores desde a construção de pensamentos até a produção de novas idéias expressando opiniões, convicções e valores tornando - se críticos e criativos.

De acordo com Abramovich (1999, p.121), cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto.

É fundamental que a criança possa participar de todo o processo de forma significativa, pois desta forma irá influenciar diretamente na construção de conhecimentos como um todo.

Cada criança é única e singular, tem sua história própria de vida, construída em interação social.

Portanto o processo deve permitir a cada criança “descobertas” proporcionando assim, conquistas na sua aprendizagem.

De acordo com Bettelheim (1980, p.27), explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco desse poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só em e dominar exclusivamente, por si só o problema que fez a história significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história com êxito uma situação difícil.

Ao contar uma história, não devemos exigir da criança uma interpretação direta da história. Porém cabe dar-lhes condições para que possa fluir o pensamento e a fantasia da criança sobre o conto, sugerindo – lhe que desenhe livremente sobre a história, recontando - a do seu próprio jeito, brincando de faz de conta com fantasias, bonecos, maquiagem etc, e contando e recontando a história tantas vezes quanto ela pedir.

Os contos de fadas estabelecem nos ouvintes uma relação de identificação com os personagens, e isto permite extravasar seus sentimentos. Assim o livro infantil deve

estabelecer um vínculo entre a criança e o mundo na qual ela se encontra inserida contribuindo na formação de valores sociais.

Segundo Amarilha (1997, p.18):

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando – se na trama da narrativa. Acrescenta – se à experiência o movimento catártico em que identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de fadas) exerce sobre o receptor.

2.3. LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO.

A literatura infantil permite ao leitor uma “viagem” ao mundo das fantasias enriquecendo-o em idéias, questionamentos e percepções.

Para Frantz (2001, p. 16), a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.

A literatura infantil permite à clientela a contextualização de situações apresentadas possibilitando uma visão crítica da realidade.

Segundo Cunha (1999, p. 57), de um modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. Permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana.

Segundo Jacone (1999, p.50), “é possível um aluno escrever bem e não saber ler? Se ele não está alfabetizado, como posso ajudá-lo?”

Ler é interpretar o mundo da escrita, pois é impossível escrever bem e não saber ler o que o que escreveu. A criança aprendeu a copiar, a desenhar as letras das palavras mas sem associá-las a seus significados.

Os preparativos para a alfabetização começam, na verdade, no período pré-escolar e nem sempre são planejados. Assim, quando os pais “distraem” o filho pequeno com livros ilustrados ou revistas, mostram no jornal a inicial do nome dele ou chamam sua atenção para placas de trânsito, por exemplo, estão familiarizando a criança com o mundo da leitura.

Segundo Cagliari (1996, p.168), “será que se pode aprender a ler antes de escrever? Será que se pode aprender a ler sem saber escrever?”

Sem dúvida, aprender a ler é mais fácil do que aprender a escrever, porque por meio das histórias contadas ou lidas pela família e dando continuidade a essa atividade na escola a criança vai decifrando sons, ampliando seu vocabulário, fazendo comentários e relacionando o seu dia-a-dia iniciando assim o mundo da leitura.

A alfabetização é um processo que se inicia bem antes da entrada das crianças na escola. Ela está acontecendo na vida, enquanto os indivíduos agem e interagem. É preciso considerar toda essa aprendizagem informal, porém valiosa, que as crianças constroem em contato com outras crianças, com os adultos e com o meio social. Cada criança tem sua bagagem cultural determinada, no caso da leitura e da escrita, pela maior ou menor exposição, contato ou experimentação com todo tipo de material escrito e ainda pela qualidade da interlocução que estabelece com crianças e adultos do seu meio social.

É fundamental que as crianças possam brincar com as palavras, com as idéias, usando a fantasia e a imaginação não só até os seis anos mas igualmente nas séries iniciais e quem sabe, por toda a vida. Desta forma poderão crescer e se tornarem verdadeiramente, leitores e escritores livres, críticos e criativos “brincando” com idéias e palavras.

Portanto, a alfabetização é um momento que deve proporcionar à criança o prazer de aprender a ler não num sentido mecânico, mas como uma atividade cognitiva e conceitual que acontece na interação do indivíduo com outros indivíduos sob a mediação da linguagem.

É fundamental que a literatura infantil não seja interpretada como um ato de “obrigação” mas como um suporte imprescindível para que as crianças posteriormente sejam leitores prazerosos e conscientes deste importante processo em sua vida no mundo da leitura e escrita.

Dependendo da forma como a literatura infantil é trabalhada, irá proporcionar a interdisciplinaridade contribuindo para o êxito do processo de construção ou se tornará uma das causas do fracasso escolar.

Dessa forma é interessante que o educador e a escola objetivem despertar em seus alunos o interesse e o gosto pela leitura para que possam participar de todo processo como uma busca pelo aprender e não como um massacre a tudo que a criança apresenta antes mesmo de iniciar esta etapa de alfabetização, pois desta maneira irá ter “sede” em conquistar novos rumos de sua aprendizagem.

Temos a convicção de que não se alfabetiza apenas com o livro didático: o contato com os diferentes tipos de textos veiculados na sociedade letrada proporciona a formação e o aprimoramento do sujeito letrado.

A leitura é mais uma faceta do mundo letrado, o que é razão suficiente para que os nossos alunos tenham o direito de conhecê-la e experimentá-la.

Todavia, a principal razão de colocarmos a literatura á disposição das crianças, na fase da aquisição da leitura e da escrita, é por essa se faz instrumento essencial e poderoso desse processo.

Pesquisadores de alfabetização e literatura comprovam, recentemente, que muitas crianças aprendem a ler, apenas através do contato com a literatura.

Além disso, a literatura é o meio através do qual a criança trabalha o seu lado emocional e é também o caminho para se chegar ao mundo das artes.

Mesmo sem conhecer o sentido das palavras, a criança é capaz de construir o sentido para um texto literário, a partir das ilustrações.

As ilustrações dos livros de literatura infantil abrem as portas da imaginação e levam a criança a vivenciar o texto, o que nada mais é do que a imagem conduzindo ao prazer visual entre ilustração e texto.

O professor atento tem a literatura como um tesouro, pois a literatura é uma fonte inesgotável que conduz e ativa o imaginário, construindo sujeitos criadores permanentes.

Como último argumento a favor da literatura, podemos dizer que ela é o único caminho para despertar o prazer de ler. Pennac (1998, p. 43), afirma:

A toda literatura preside , mesmo que seja inibido, o prazer de ler; e, por sua natureza mesma - essa fruição de alquimista -; o prazer de ler não teme imagem, mesmo televisual e mesmo sob a forma de avalanches cotidianas.

A qualidade de ensino que queremos só será alcançada se todas as escolas desenvolverem projetos voltados para a formação de leitores.

Vejamos o que diz Frantz (2001, p. 14):

Assim, se o professor das séries iniciais tiver sucesso em iniciar seus alunos pelos caminhos da literatura infantil, e a esse trabalho for dada continuidade pelos professores das etapas seguintes, temos certeza de que a escola brasileira conseguirá dar um grande salto de qualidade e o professor alfabetizador bem como os demais terão cumprido da melhor forma sua missão de educadores.

De acordo com a citação acima, observa – se que a criança sente profundo interesse em participar das histórias, principalmente que tenham heróis. Porém, crianças que já apresentam comportamentos com prejuízos de conduta, despertam estímulos que aguçam mais ainda este tipo de comportamento, ao contrário de outras crianças que não manifestam mudanças de comportamento diante das histórias. A literatura deve ampliar e enriquecer a visão da realidade de um modo específico, permitir a vivência e a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana.

2.4. COMO USAR A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA.

Ao contar uma história para a criança devem-se utilizar vários meios, pois contar histórias é uma arte, é ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido.

Para Coelho (1997, p.31), “estudar história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”.

O professor precisa conhecer bem a história, gostar dela, contar com emoção utilizando os recursos necessários, pois cada um tem suas vantagens específicas, requerendo sempre uma técnica especial.

Diversos são os recursos de apresentar a literatura em sala de aula, cabe ao professor conhecê-los. São eles: simples narrativa, gravuras, flanelógrafo, com interferências do narrador e dos ouvintes, livros, desenhos, cineminha e álbum seriado.

De acordo com Faria (2004, p.133), pode se trabalhar com a estrutura narrativa desde a pré-escola, contando que se respeite o estágio de desenvolvimento da criança.

É fundamental que o professor considere os estágios de desenvolvimento das crianças para que seu trabalho possa conquistar objetivos com êxito contribuindo para o processo de leitores críticos.

2.4.1. Simples narrativa

Segundo Coelho (1997, p.31), esta é, sem dúvida, a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não requer nenhum acessório e se processa por meio da voz do narrador, de sua postura. Este, por sua vez, com as mãos livres, concentra toda sua força na expressão corporal.

Ao contar uma história, o contador deve ser como um ator, com postura e expressão corporal, incorporar os personagens da história contada, deixando que flua livremente as emoções dos ouvintes, para que possam imaginar os cenários, os personagens e o desenrolar da história, participando ativamente da trama.

2.4.2. Gravuras

Para Sandroni (1987, p. 38), a imagem confere ao livro, além do valor estético, o apoio, a pausa e a oportunidade de devaneio, tão importante numa leitura criadora, resultado da percepção única e individual, que faz com que uma pessoa nunca descreva o que leu exatamente como a outra.

As imagens dos livros possibilitam analisar e observar, obtendo o máximo de dados, facilitando aos nossos olhares ultrapassar a nossa própria finitude, alcançando a realidade sobre todos os aspectos, incentivando o gosto pela leitura contribuindo assim para o desenvolvimento da seqüência lógica do pensamento infantil.

2.4.3. Flanelógrafo

De acordo com Coelho (1997, p. 40), há histórias em que a personagem principal entra e sai de cena, movimenta-se num vaivém durante o enredo. O ideal é usar o flanelógrafo, um recurso visual muito prático.

O flanelógrafo é um recurso barato e de fácil criação, pois as figuras ou cenas são apresentadas de maneira progressiva e dinâmica.

2.4.4. Com interferências do narrador e dos ouvintes

Segundo Coelho (1997, p.43), “seja qual for a forma de apresentação, pode-se introduzir a interferência, se o texto requer ou sugere”.

Muitas vezes, a leitura do professor tem a participação dos alunos, repetindo alguns elementos da história, facilmente memorizados por todos: um estribilho, um diálogo, alguma frase ou algum som onomatopaico que, a um momento previamente combinado, interferem na narração da história, enriquecendo-a consideravelmente. Trabalha, ainda, a atenção auditiva e a capacidade de concentração da criança.

2.4.5. Contador de histórias

ERA UMA VEZ... três palavras que agem como uma “senha mágica” que nos transporta para um mundo de histórias, de fantasia, de sonho...

A força da história é imensa. Narrador e ouvintes se envolvem magicamente com as personagens. Ler e ouvir histórias acalma, prende a atenção, informa, socializa, educa; ajuda a criança a elaborar, de forma consciente ou não por meio da fantasia, conflitos inerentes ao processo de crescimento. Se as crianças escutam histórias desde pequenas, provavelmente gostarão de livros e descobrirão neles uma fonte de satisfação. A história é importante enquanto alimento da imaginação e da curiosidade. Lendo histórias para os alunos, o professor também abre as portas da sala de aula para a descoberta do mundo e a convivência com o texto escrito.

Por ser tão importante para a formação de qualquer criança, a escola tem o compromisso de buscar a leitura de fruição, de prazer. Em poucos minutos, na própria sala de aula, o professor poderá envolver o grupo num clima de parceria e cumplicidade. Alguém lê, outros ouvem, as personagens atuam: todos interagindo, dialogando, as emoções sendo tocadas dentro de cada um. Alegria, tristeza, medo, raiva, irritação, são instigados pelo fio da narrativa, que se desenrola de um carretel mágico de histórias inventadas, recriadas, repetidas ao longo do tempo.

Benjamin (1985, p.201), em seu texto O Narrador, faz a seguinte alerta:

Contar histórias sempre foi a arte de contá – las de novo e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. (...) A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.

Contar histórias deve ser um momento de prazer, de envolvimento, de descoberta. Por isso, deve ser preparado pelo professor, para que seja possível criar um ambiente mais descontraído. O principal motivo para se ouvir histórias é, realmente, ter prazer em ouvi-las.

Para Abramovich (1994, p.18)... contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

O professor deve vivenciar a história, estabelecendo sintonia com o aluno. As emoções se transmitem pela voz, principal instrumento do contador de histórias: sussurrar, levantar a voz, dar pausas, acelerar o ritmo da leitura, são atitudes simples mas capazes de aguçar o envolvimento das crianças com a história.

Ler histórias é um dos caminhos significativos na formação de leitores. É vital! Foi contando histórias que Sherazade, condenada à morte pelo rei Shariar, conseguiu se salvar. Quando Sherazade contava histórias para ele, a curiosidade lhe ficava cada vez mais aguçada e o rei ansiava por ouvir mais e mais. As mil e uma noites de Sherazade devolveram-lhe o direito à vida.

Para Garcia (2003, p.39), contar histórias é uma arte. Uma arte muito antiga. O contador de histórias sempre ocupou um lugar de honra nas sociedades primitivas e na Idade Média. Ele era tão desejado, solicitado e bem vindo que conseguia ir para qualquer lugar que quisesse.

E por isso que não há exagero nenhum em dizer que quando uma história é bem contada ela marca profundamente a alma de ouvinte.

Contar histórias é uma excepcional forma de dar sabor ao conhecimento. As informações transmitidas com emoção, aventura ou prazer são registradas de maneira privilegiada na memória.

De acordo com Coelho (1997, p.50), as emoções se transmitem pela voz, principal instrumento do narrador.

A voz é um ingrediente muito importante para o contador de histórias, pois ela materializa não só as sucessivas fases do conto (momentos de alegria, tristeza, euforia, suspense, tranquilidade, etc.), como também os personagens, uma vez que cada um possui uma voz típica e fácil de ser identificada.

Os professores devem ser excelentes contadores de histórias. Devem estimular a emoção dos alunos enquanto transmitem o conhecimento. Contudo, não há deleite no conhecimento se ele não for oferecido com cores e sabores da emoção.

2.4.6. Histórias em quadrinhos

De acordo com Coutinho (2004, p.219), a revista infantil nasceu na Inglaterra no começo do século XVIII, com Juvenile Magazine e aparece na França com Le Journal des Enfants, em 1833_surgiu, no Brasil com o Tico-Tico, em 1905, com êxito extraordinário.

Logo as figuras de Chiquinho, com seu cachorro Jagunço, de Juquinha e depois de Zé Macaco entraram na intimidade de todas as crianças do Brasil. Impresso as cores, foi a delícia dos velhos de hoje, sem esquecer a emoção dos concursos que publicavam os nomes dos que haviam enviado respostas certas.

Essas revistas depois se multiplicaram e já existem em número avultado, além dos suplementos e páginas infantis dos jornais quase sempre em quadrinhos e em geral traduzidos.

Para Eisner (1995, p. 38), a função fundamental da arte em quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar idéias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço.

O que é fundamental nas histórias em quadrinhos é a comunicação de suas idéias por meio de palavras e figuras, envolvendo a movimentação de pessoas e coisas no espaço que envolve a mesma.

A história em quadrinhos já foi vista pela escola como vilã, como inimiga do bom leitor. Hoje, é entendida por muitos educadores como mais um importante recurso para o ensino de linguagem.

É importante a familiarização das histórias em quadrinhos através da observação da leitura coletiva, o comentário, etc. Sendo o trabalho realizado de forma oral e coletivamente, situando às crianças no tema trabalho, onde futuramente demonstrarão de forma escrita. Pausas (2004, p. 210), afirma:

O primeiro passo no trabalho sobre os quadrinhos nas séries iniciais do ensino fundamental será a familiarização com eles mediante a observação, a leitura coletiva, o comentário, etc. Todas as atividades são precedidas de um trabalho oral e coletivo que situa as crianças no tema e antecipa o que mais tarde expressarão de forma escrita.

Segundo Bomtempo (2005, p.10), o texto em quadrinhos conserva um íntimo parentesco com o conto de fada e, por extensão, com os mitos mais antigos da humanidade. Evidencia valores que pertencem ao consciente coletivo. Nos quadrinhos, os heróis destacam -se por alguma característica que os transformam, quase sempre, em tipos. Esses tipos permanecem imunes ao tempo nunca modificando essas qualidades básicas sua razão

de ser trama básica se repete e a torna familiar fazendo com que a história, em quadrinhos seja tão sedutora até para os adultos.

Uma boa parte das nossas crianças gostam de ler gibis ou histórias em quadrinhos, pois as mesmas conservam o encanto e a magia dos contos de fadas, assim como os mitos mais antigos da humanidade, trabalhando também os valores pertencentes ao consciente coletivo. Nos quadrinhos destacam-se heróis por suas transformações e características próprias, mantendo-se imunes ao tempo, não modificando suas qualidades, razão e trama onde se repete tornando-se familiar, favorecendo ao leitor uma história bastante prazerosa.

As narrativas de tiras enriquecem e facilitam a compreensão, uma vez que apresenta momentos da narrativa; estimulando o raciocínio do leitor.

Segundo Faria (2004, p. 135), as tiras de jornais, por contarem histórias em dois ou três quadrinhos, são exemplos que facilitam a compreensão dos três momentos da narrativa, pois, pela exigüidade de seu espaço, apresentam uma capacidade máxima de síntese estrutural.

3. ORIETAÇÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho foi realizado de forma a conhecer, analisar e compreender como é trabalhada a leitura de literatura nas escolas 501, 121 e Caic Airton Senna de Samambaia, Escola Classe do Setor Militar urbano e Centro de Ensino Especial de Sobradinho, tendo como público alvo professores e alunos. Na pesquisa qualitativa foi realizada atividade em sala de aula envolvendo: contação de histórias, músicas, dramatizações, confecção de materiais (dobraduras, fantoches) e brincadeiras. E na pesquisa quantitativa foi aplicado um questionário para professores de alfabetização, retratando a importância da literatura infantil na sala de aula.

Buscando estimular desde cedo o gosto e o prazer pela leitura nas séries iniciais montamos o cantinho da leitura para que as crianças familiarizem com diversos gêneros de literatura infantil.

Ouvir a literatura de alguém propicia uma relação de afeto e envolvimento entre texto/ ouvinte/ leitor, que facilita o desenvolvimento da atitude de gostar de ler.

Abramovich (1994, p. 16), afirma: “... O início da aprendizagem para ser um leitor, é ter, um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo...”

3.1. RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

As crianças ao entrarem na sala ficaram eufóricas (Anexo A), ao verem os livros e cada uma escolheu o de sua preferência, logo em seguida sentaram em grupos e iniciaram a leitura dos mesmos. Observamos que neste momento de leitura trocavam os livros e teceram comentários entre eles demonstrando encantamento e solicitavam insistindo que contasse algumas histórias tais como: **Dona Baratinha, Chapeuzinho Vermelho, A Formiguinha e a Neve, Os Músicos de Brêmen e outros.**

No dia seguinte fizemos uma leitura prévia da história e decidimos iniciar com o conto da Baratinha (Apêndice A). Iniciamos a aula cantando a música “**A Barata diz que tem...**”, as crianças sentadas no chão, iniciamos a história assim: “Era uma vez, no tempo que os bichos falavam...”. Ao término do conto as crianças comentaram sobre o mesmo identificando os personagens criticando, e comentando as atitudes dos mesmos, principalmente a gula do Dom Ratoão, o lugar em que aconteceu a história vivenciando os

momentos dramáticos e fantasiando o final querendo mudá-lo, não deixando que o Dom Ratão morresse, falando que se ele não tivesse morrido, casaria com a Dona Baratinha. Observamos que as crianças mostraram-se estimuladas e aproveitamos para dramatizar a mesma (Anexo B), assim cada um de nós representou um personagem, as crianças (Anexo C) gostaram muito e fizeram comentários sobre a nossa participação, em seguida, em sala as crianças confeccionaram fantoches de varetas e brincaram recontando a história entre elas.

Segundo Sandroni (1984, p.53), enquanto brinca com a história, a criança participa de sua trama, de sua estrutura e convive com as personagens, o que lhe desperta a curiosidade para uma releitura, quem sabe desta vez individualmente, criando o seu próprio mundo e a sua maneira de entrar na história.

A segunda história escolhida foi os **Músicos de Brêmen** (Apêndice B). Fizemos uma leitura prévia da mesma, duplicamos a história em seqüência e distribuímos entre as crianças para colorir, elas ficaram curiosas com as ilustrações querendo saber do que se tratava. No dia seguinte contamos a história mostrando as cenas em seqüência. As crianças no final da mesma fizeram comentários sobre a história e chegaram à conclusão de que os animais ficaram unidos morando junto para se defender do homem mau. Logo após fizemos dobraduras dos animais (gato, galinha, burro e o cachorro) e as crianças brincavam imitando as vozes dos animais. (Anexo D) Depois montamos o mural e quando os pais vieram buscá-los faziam entrar para ver as dobraduras dos animais.

Segundo Resende (1997, p.100), ... em outras situações, as crianças, com espontaneidade, transformam, através da fantasia, o que foi lido em desenhos, objetos, colagens, montagens, novos textos, etc. Essas reações ou respostas espontâneas são formas de dialogar com a criatividade do artista e de prosseguir, através de manifestações próprias.

A última história contada foi: **A Formiguinha e a Neve**, (Apêndice C) iniciamos com a brincadeira "**Corrida das Formigas** em busca dos alimentos", (Anexo E) montamos uma árvore cheia de folhas para que as crianças retirassem as folhas levando – as na boca até o formigueiro, onde todos participaram dando gargalhadas cada um querendo chegar primeiro do que o outro, eles gostaram muito. Em seguida iniciamos contando a história por meio de um flanelógrafo, conforme o desenrolar da mesma íamos expondo as figuras. Ao término conversamos sobre a história contada. O que mais despertou a atenção das crianças foi a falta de ajuda dos amigos, mas que Deus não deixou

a formiguinha morrer. Para finalizar cantamos a música, “**A Formiguinha**” e as crianças interpretaram por meio de gesto, onde foi muito divertido.

A brincadeira pode ser entendida como um diálogo simbólico entre a criança e a realidade em que está inserida. Benjamim (1984, p.7) afirma: “A criança quer puxar alguma coisa e torna – se cavalo, quer brincar com areia e torna – se padeiro, quer esconder – se e torna – se ladrão ou guarda.”

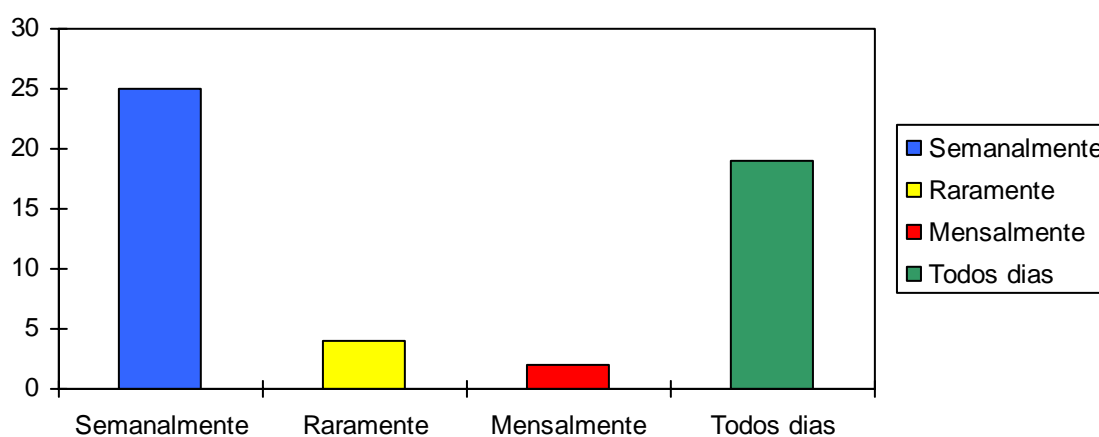
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada para constatar as inúmeras contribuições que a literatura infantil vem proporcionando ao longo dos tempos. Foi aplicado questionário com cinco questões fechadas, onde cinquenta professores responderam o mesmo com clareza e veracidade.

Gráfico 1 – Utilização do livro de literatura infantil em sala de aula.

1) Você utiliza o livro de literatura infantil na sala de aula?

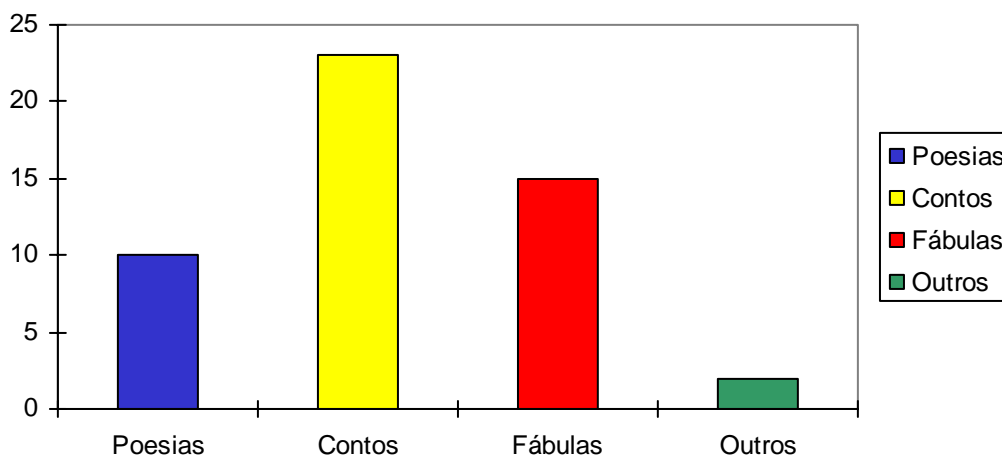


O gráfico demonstrativo está representado pela figura 1, no qual observamos que os professores utilizam semanalmente o livro de literatura infantil. Mesmo com o resultado do gráfico mostrando que a utilização do livro de literatura infantil é importante, não entendemos porque só usam o mesmo semanalmente. Borges (1997, p.05), afirma:

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O livro, não. O livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Gráfico 2 - Gêneros da literatura infantil.

2) Que gênero da literatura infantil você prefere trabalhar?

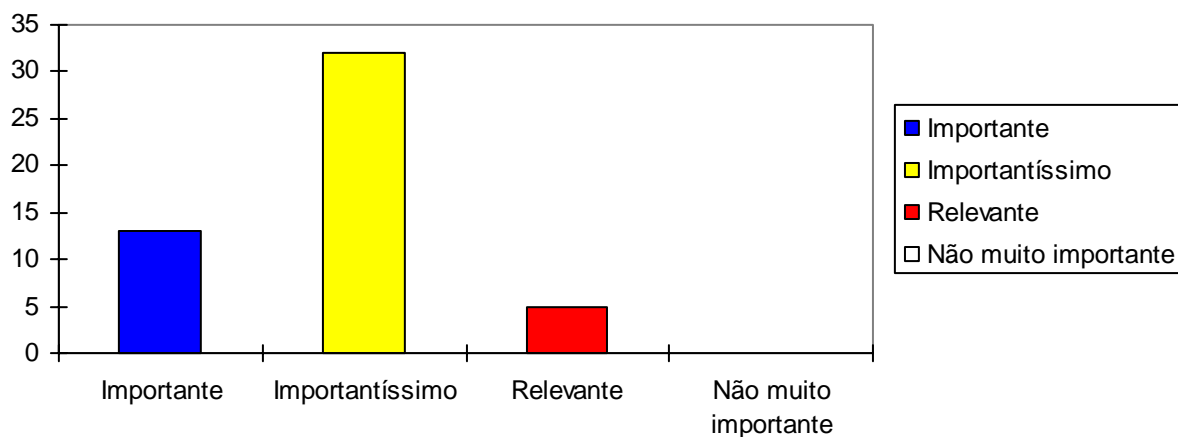


O gráfico demonstrativo está representado pela figura 2, no qual observamos que os professores têm preferência em trabalhar mais os contos de fadas, deixando de lado a poesia pois a mesma sendo considerada importante o professor prefere trabalhar mais os textos em prosa (contos e fábulas), não se sentindo à vontade em trabalhar os poemas. No entanto para que as crianças compreendam o sentido do mundo é necessário conhecer vários gêneros de literatura. Sandroni (1987, p. 38), afirma:

As crianças precisam ouvir histórias de diferentes gêneros e autores. Precisam ainda observar e distinguir revistas, jornais, histórias em quadrinhos; ver e ouvir telejornais e noticiários radiofônicos; contar e dramatizar histórias; observar que um livro tem autor, ilustrador, título, folhas, páginas, cores e letras; relacionar objetos de sua vivência (em três dimensões) com objetos representados nos livros (em duas dimensões).

Gráfico 3 – Importância da literatura infantil.

3) Qual a importância que você vê no trabalho com a literatura infantil?

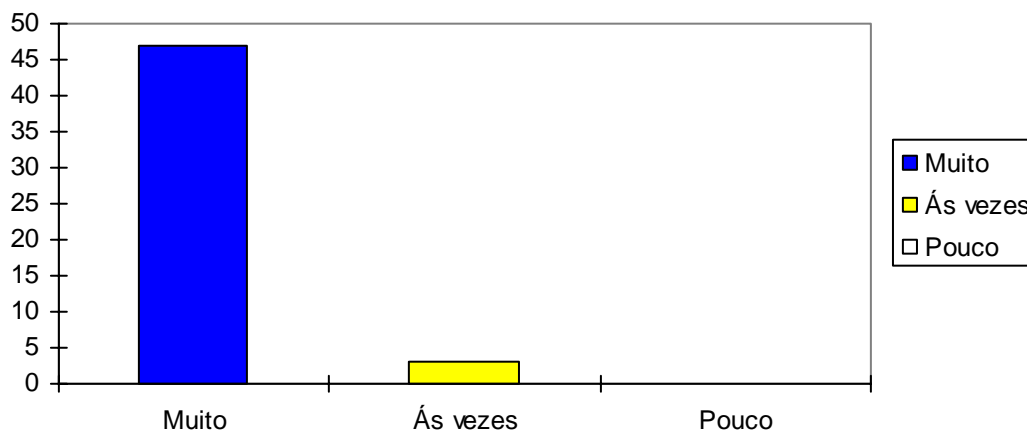


O gráfico demonstrativo está representado pela figura 3, no qual observamos que é importantíssimo trabalhar a literatura infantil em sala de aula. É interessante observar que uma boa parte dos educadores, mesmo achando importantíssimo o trabalho de literatura infantil, alguns consideram o ato da leitura um trabalho relevante deixando claro que, temos que repensar nossa postura enquanto estimuladores da leitura.

Segundo Abramovich (1999, p. 16), ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Gráfico 4 – A contribuição da literatura infantil na aprendizagem.

4) A literatura infantil tem contribuído para uma melhor aprendizagem de seus alunos?

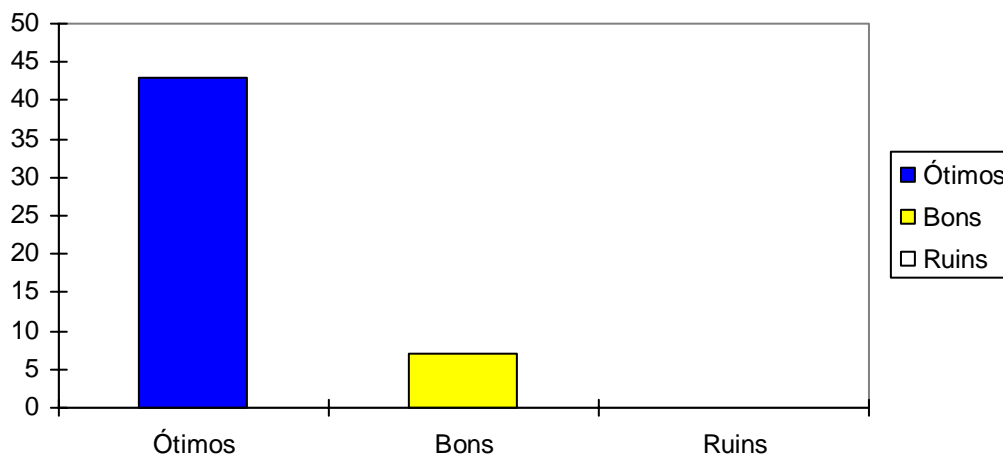


O gráfico demonstrativo está representado pela figura 4, no qual observamos que a literatura infantil tem contribuído muito na aprendizagem das crianças, porém ainda encontramos alguns professores que relataram que a literatura infantil tem contribuído às vezes na aprendizagem de nossos alunos.

Para Resende (1997, p. 197), a literatura fornece fantasias, desperta emoção e educa a percepção crítica relativando modos de ver e dizer a realidade. Ela alimenta planos interiores e, em consequência enriquece o imaginário, amadurece o raciocínio e burila a sensibilidade.

Gráfico 5 – Produção de livros de literatura infantil nos últimos anos.

5) O que você acha dos livros de literatura infantil dos últimos anos?



O gráfico demonstrativo está representado pela figura 5, no qual observamos que os livros de literatura infantil nos últimos anos são ótimos. Pelo gráfico se observa no decorrer dos tempos o grande melhoramento da produção dos livros de literatura infantil, onde pela pesquisa tivemos quase 100% de aprovação nestas diversificadas produções.

Segundo Borges (1987, p.10-11), e ao comparar o livro com outros materiais impressos, como jornais, por exemplo, reflete sobre a diferença existente entre ambos: “O jornal é lido para ser esquecido” enquanto “O livro é lido para eternizar a memória”.

4.2. ANÁLISE DAS ATIVIDADES

4.2.1. Cantinho da leitura: as crianças criaram o hábito e o prazer de ler, pois todos os dias sem o professor pedir eles se dirigem ao cantinho, fazendo sua leitura diária e tendo acesso a vários livros, trocando os mesmos uns com os outros e através desta conquista os educandos passaram a trazer livros de casa.

4.2.2. Contação de histórias: durante a contação de histórias, os alunos demonstraram interesse, entusiasmo, dando suas opiniões no decorrer das histórias que foram contadas, ao recontarem as mesmas, as crianças foram criativas, contando com simplicidade o que entenderam.

4.2.3. Músicas e Brincadeiras: As crianças tiveram grande participação e se envolveram intensamente: cantando, fazendo gestos, socializando-se e obedecendo regras. Os educandos se sentiram estimulados em todos os passos da confecção dos fantoches e dobraduras.

Segundo Cagliari (1996, p.181), às vezes uma simples leitura basta. Nem tudo o que se lê precisa ser discutido, comentado, interpretado. Esse é outro erro que se vê eventualmente em livros didáticos. A leitura às vezes é como uma música que se quer ouvir e não dançar.

5. CONCLUSÃO

Para Rezende (1997, p.133), ler, ver, ouvir, tocar o livro com todos os sentidos, entrar nele para vislumbrar encantos e novidades tecer surpresas, imaginar irrealidades e viver emoções reais... Esse caminho é aberto ao novo, as camadas profundas, irracionais, que aprendem, intuem, armazenam imagens, sensações e sentimentos.

Os livros de literatura infantil representam inesgotável fonte de informação e cultura e devem estar presentes nos momentos especiais do crescimento intelectual de crianças e jovens. Na sala de aula, nas bibliotecas, em casa, ou onde quer que eles procurem a companhia de uma boa leitura.

Contudo, ninguém torna – se leitor do dia para a noite. É um processo lento que precisa ser cultivado. É preciso despertar o hábito da leitura, tornando – a sobretudo, prazerosa e encantadora.

A literatura é o meio ideal para auxiliar as crianças, tanto no desenvolvimento de suas potencialidades cognitivas (leitura, interpretação, etc.) quanto nas várias etapas de amadurecimento que ligam a infância à idade adulta.

As histórias podem ser, além um espaço amplo de significações abertas às emoções, ao sonho e a imaginação, um favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e a construção de conceitos, tais como o de cultura, civilização e tempo histórico, durante toda infância.

Com esse trabalho, pretendemos mostrar que, mesmo vivendo a era da tecnologia e da globalização, os livros de literatura infantil continua sendo uma companhia indispensável, proporcionando às crianças a busca permanente do conhecimento, informação, lazer e fantasia. Secco (2003, p. 22) afirma: “Quem ama os livros deseja possuí – los ; quem os possui acaba por amá - los”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. SÃO PAULO: Scipione, 1999.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis:Voices, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 3 ed. São Paulo, Summus. 1984.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad.: CAETANO, A.15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

BONTEMPO, Luzia. **De olho nas páginas dos livros de literatura**. Construir Notícias. Recife, Multi Marcas, n ° 21, p. 10, março/ abril, 2005.

BORGES, Jorge. Luis. **O Livro**. In: BORGES, J.B. Cinco Visões pessoais. 2 ed. Brasília, Unb, 1987.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10 ed. São Paulo: Spcione, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Relações e perspectivas conclusão, Brasil. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1997.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 1995.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FRANCO, Ângela. **Metodologia de ensino, Língua Portuguesa**. Minas Gerais,

GARCIA, Walquíria et al. **Manual do contador de histórias**. Belo Horizonte, Fabi, 2004, (Baú do professor, 5).

JACONE, Orlene de Souza. **Alfabetização: A mágica de ler e escrever**. Nova Escola, São Paulo: Abril, n. 125, p. 50, set. 1999.

LAJOLO, Maria. **Do mundo leitura para a leitura do mundo** 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LAJOLO, Maria; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.

MIRANDA, Claudia et al. Rodrigues. Vera L. **Palavra viva**. Alfabetização, São Paulo: Ática, 2000.

PAUSAS, Ascen Diez Ulzurrun e colaboradores. **A aprendizagem da Literatura e da escrita a partir de uma perspectiva Construtivista**. Porto Alegre: Armed, 2004.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4 ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e juvenil**. Vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 1997.

SANDRONI, Laura C. **A criança e o livro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SECCO, Patrícia Engel. **Amigos Livros**. Brasília: Modelo, 2003.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar Histórias** – uma arte sem idade. 7 ed. São Paulo: Ática, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 1 ed. São Paulo: Global, 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PLANEJAMENTO

TEMA: LITERATURA INFANTIL

COMPETÊNCIA:

Estimular os alunos para que no final do conto, sejam capazes de recontar a história de acordo com a sua criatividade.

HABILIDADES:

- Ler para usufruir momentos de lazer;
- Despertar a imaginação criadora;
- Vivenciar emoções por meio da leitura.

1. DONA BARATINHA.

PROCEDIMENTOS:

- Cantando a música: “**A Baratinha diz que tem**”;
- Iniciando a história: Era uma vez, no tempo que os bichos falavam;
- Conhecendo a história (tipo, início, lugar, personagens, situação inicial, desenvolvimento, eventos dramáticos e situação final);
- Confeccionando fantoches de vareta;
- Recontando a história, com fantoches de vareta.

RECURSOS:

Papel, tesoura, palitos, lápis de cor e cola.

APÊNDICE B

COMPETÊNCIA:

Estimular os alunos para que no final do conto, sejam capazes de recontar a história de acordo com a sua criatividade.

HABILIDADES:

- Ler para usufruir momentos de lazer;
- Despertar a imaginação criadora;
- Vivenciar emoções por meio da leitura

2. OS MÚSICOS DE BRÊMEN.

PROCEDIMENTOS:

- Contando a história, por meio da seqüência das gravuras;
- Confeccionando as dobraduras;
- Brincando de imitar as vozes dos animais, por meio de dobraduras.

RECURSOS:

Gravuras, papéis, lápis de cor, cola e tesoura.

APÊNDICE C

COMPETÊNCIA:

Estimular os alunos para que no final do conto, sejam capazes de recontar a história de acordo com a sua criatividade.

HABILIDADES:

- Ler para usufruir momentos de lazer;
- Despertar a imaginação criadora;
- Vivenciar emoções por meio da leitura

3. A FORMIGA E A NEVE.

PROCEDIMENTOS:

- Brincando de corrida das formigas em busca dos alimentos;
- Contando a história por meio do flanelógrafo;
- Cantando a música “**A Formiguinha**”.

RECURSOS:

Flanelógrafo, personagens feito em papel, lápis de cor, cola, tesoura e algodão.

APÊNDICE D**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

Brasília, outubro de 2005

Prezado(a) Professor(a),

Gostaria de contar com a sua colaboração no sentido de responder este questionário, que fará parte da monografia do trabalho final, cujo tema é A Contribuição de Literatura Infantil na Alfabetização.

Questionário

1) Você utiliza o livro de literatura infantil na sala de aula?

A () Semanalmente

B () Raramente

C () Mensalmente

D () Todos os dias

2) Que gênero da literatura infantil você prefere trabalhar?

A () Poesias

B () Contos

C () Fábulas

D () Outros

3) Qual a importância que você vê no trabalho com a literatura infantil?

A () Importante

B () Importantíssimo

C () Relevante

D () Não muito importante

4) A literatura infantil tem contribuído para uma melhor aprendizagem de seus alunos?

A () Muito

B () Pouco

C () Às vezes

5) O que você acha dos livros de literatura infantil dos últimos anos?

A () Bons

B () Ótimos

C () Ruins

ANEXOS

ANEXO A

Cantinho da leitura



ANEXO B

Dramatização da história pelos professores



ANEXO C

Fantoches - História da Dona Baratinha



ANEXO D

Mural de dobradura dos animais



ANEXO E

Brincadeira “Corrida das formigas”

